

MULHERES DE FACA NA BOTA: ESCRITORAS E POLÍTICA NO SÉCULO XIX*

Zahidé Lupinacci Muzart
Professora de Literatura Brasileira, UFSC

A minha pesquisa visa ao resgate das escritoras do século XIX, no Brasil. É uma pesquisa trabalhosa, que exige tempo, dinheiro, amigos, telefone, fax, cartas, visitas a sebos e antiquários, bibliófilos, internet, o diabo! No presente trabalho, vou trazer-lhes algumas dessas mulheres de tão difícil encontro... Mas para que não se torne um rol de nomes e datas, escolhi como tema *as mulheres e a política*.

A visão que temos da literatura feminina no século XIX é a de uma literatura choramingas, uma literatura na qual dominava um romantismo desbragado e mal compreendido. Por mal compreendido, penso nas amarras da educação patriarcal que fazia com que essas mulheres não chegassem à compreensão do movimento romântico no que ele tinha de revoltado e de livre. Segundo Domingos Carvalho da Silva, "fraca e pouco expressiva foi a contribuição feminina para a poesia brasileira da fase romântica. Tal como ocorreu em Portugal, e até na França, não assinalou a lírica nacional, entre 1835 e 1870, o aparecimento de nenhum nome de primeira grandeza entre as cultoras do verso."¹

Todavia, ao levantarmos a cortina que encerra as escritoras do século XIX do outro lado da cena, teremos não poucas surpresas. É dessas surpresas que quero tratar, ligando essas mulheres à voz ativa, à participação, à política. Escolhi algumas autoras do Rio Grande do Sul por duas razões: primeiro, porque me apraz mergulhar nas minhas raízes gaúchas; segundo, porque

tendo sido o Rio Grande um Estado guerreiro, no século XIX, assolado por guerras e revoluções, quisemos verificar quais as reações que esse contexto provocaria nas mulheres.

Não é novidade nenhuma associar mulheres de séculos passados a lutas, a guerras, a atos de heroísmo. Há muitas heroínas na nossa História nacional tais como, por exemplo, Dona Maria Úrsula de Alencastro que "trocou os trajes femininos pela grosseira roupa de soldado dos tempos coloniais"²; Clara Camarão; Anna Aurora de Jesus; Anna Nery, Anita Garibaldi e muitas outras. Mas as que nos interessam são as que, sem usar uniformes, lutaram igualmente por ideais políticos.

Entre os vários textos que estudaram o heroísmo da mulher, destacam-se os livros de Ignez Sabino, *Mulheres Ilustres do Brasil*, de 1899, no qual a metade é dedicada ao estudo de mulheres que se distinguiram por ações guerreiras ou heróicas; o *Pernambucanas Ilustres*, de Henrique Capitolino Pereira de Mello, publicado em Pernambuco em 1879; o de Joaquim Norberto, *Brasileiras Célebres*, editado em 1862; o de Joaquim Manuel de Macedo, *Mulheres Célebres*, de 1878. Também, de outros autores homens: General Carlos de Campos, *As heroínas do Brasil*; Pinheiro Chagas, *Brasileiras Ilustres*; General V. Benício da Silva, *A mulher na evolução do Brasil*.

Observe-se a predominância de autores homens. De mulheres, só encontrei D. Ignez Sabino. Poderia ainda citar o livro *Galleria Illustre* de Josefina Alvares de Azevedo, mas como a autora só estuda heroínas estrangeiras e de tempos mais remotos, deixo de fazê-lo. Os homens, na admiração por mulheres que os igualavam em atos guerreiros, preferiram registrá-las em atos heróicos, ligados a revoluções, e esqueceram as que, longe da fama, se distinguíram por atos pela paz.

No Rio Grande do Sul, na primeira metade do século, salientam-se

escritoras tais como Maria Clemência Sampaio, Delfina Benigna da Cunha, Ana Eurídice Eufrosina de Barandas, Maria Josefa Barreto. Vou tratar um pouco de cada uma, numa operação de resgate e em ordem cronológica e depois tentarei alinhavar algumas conclusões.

Século XIX, Rio Grande do Sul, estado de fronteira. Durante todo o século, as idéias de independência - de república e de federalismo - estiveram presentes nos projetos políticos da região, projetos que contrariavam o poder absolutista que D. João VI estava implantando no Brasil. No Rio Grande, já em 1811, circulava panfleto "contra o despotismo metropolitano de título Falla aos americanos brasileiros em nome d'America, por seus irmãos os habitantes das vastas províncias do Rio da Prata"³. Segundo o historiador Fidelis Dalcin Barbosa, "O Rio Grande foi desde o começo um destacamento de soldados em pé de guerra"⁴.

Foi muito forte a influência da ideologia do liberalismo contra a dos conservadores, estes, no poder. Isso culminou com a Guerra dos Farrapos. Os liberais, que não tinham espaço político na administração provincial, ergueram-se em armas, em nome do direito à resistência, tudo isso resultando em dois governos na mesma região: o do Império e o da república Rio Grandense, com os revoltosos.

Acho que todos sabem o que significou - ainda significa? - para os gaúchos a Revolução Farroupilha como paradigma do espírito liberal oitocentista, nas palavras de Guilhermino César. Foi uma rebelião que, durando dez anos, congregou todo um povo, custou muitas vidas e empolgou toda uma região.

Se olharmos para a segunda metade do século XIX, no Brasil, veremos que as mulheres tiveram, de várias maneiras, uma atuação política, se entendemos como tal a atuação em movimentos e sociedades em prol da

abolição da escravatura, em jornais e movimentos pela educação da mulher, as duas bandeiras de luta que mais as mobilizaram. E também podemos encontrá-las, não tão numerosas, na luta pelo voto. Já na primeira metade do século, as mulheres têm menor atuação, nas demais províncias, nordeste e centro. Mas, podemos dizer que, com as gaúchas, a luta política da mulher brasileira se estende por todo o século.

Tal como os homens da época farroupilha, também dividiram-se as mulheres em dois grupos: o imperial ou conservador e o liberal ou farroupilha. Entre as guerreiras farrapas, podemos citar Maria Josefa da Fontoura Palmeiro, desterrada pelo poder imperial por ser espã. Espalhava em Porto Alegre as proclamações dos farrapos além de levar, pessoalmente, informações a Bento Gonçalves. Assim também, Maria França, Lara Centeno de Azambuja, Bernardina Barcellos de Almeida, Cláudia Fontoura e tantas outras desconhecidas participaram da luta, por atos heróicos.

Com relação à Revolução Farroupilha, as mulheres estiveram muito divididas. A maioria, seguindo as idéias dos maridos, mas algumas, pensando pela própria cabeça. Assim, também houve adesões a um lado ou outro de parte das mais intelectuais, digamos assim! Pode-se, lendo a produção inicial dessas mulheres, constatar que sempre houve um "pendant" político na sua lavra. Observe-se que, bem antes da agitação dos farrapos, já uma mulher, em 1823, publicou um livro.

Na nossa pesquisa, vamos encontrando dados que nos fazem retificar idéias já cristalizadas. Uma delas é a de que a primeira poetisa gaúcha a publicar um livro foi Delfina Benigna da Cunha, a assim chamada ceguinha, porque cega pela varíola com a idade de dois anos. Pois, bem antes de Delfina, já uma mulher de invulgar cultura, examinando-se o meio e a época, as condições de sua vida, publicara um opúsculo em Rio Grande. O primeiro

livro de Delfina é de 1834, Poesias oferecidas às Senhoras Rio-Grandenses. Em 1823, Maria Clemência da Silveira Sampaio (Rio Grande 1789-1862), editou pela Imprensa Nacional do Rio de Janeiro o livro *Versos Heróicos* pelo motivo da gloriosa aclamação do 1o Imperador Constitucional do Brasil, versos que a colocaram entre os chamados Poetas da Independência. Essa autora, que aparece em Sacramento Blake como nascida na Bahia, foi redescoberta por Domingos Carvalho da Silva, em 1973.

Já antes de Blake, Maria Clemência havia sido lembrada em carta do então estudante de medicina em Montpellier, Joaquim Caetano da Silva, mais tarde destacado pesquisador brasileiro, a Ferdinand Denis que no livro *Resumé de l'Histoire Littéraire du Portugal suivi du Résumé de l'Histoire Littéraire du Brésil*, 1826, havia se referido a poetisas do norte do Brasil mas não havia mencionado as do sul. O estudante reclama a ausência das gaúchas Maria Clemência da Silveira Sampaio, Maria José de Carvalho e Melo, Delfina Benigna da Cunha e Ana Raquel da Cunha. E pede-lhe que, na reedição da obra, não esqueça essas mulheres, sobretudo Maria Clemência. Dona Maria Clemência ao menos, Senhor, eu lhe peço o favor de reservar-lhe um lugar. Confinada em uma pequenina cidade como Rio Grande, ela soube apropriar-se do francês, do inglês, do italiano, de toda a literatura portuguesa e além disso de uma parte da Botânica. Alguns de seus versos foram impressos e eles o mereciam. A interessante carta de Joaquim Caetano da Silva, em defesa das poetisas gaúchas, pode ser lida na reedição de Ferdinand Denis por Guilhermino César.

O poema de Maria Clemência foi recitado em outubro de 1822, em homenagem a D. Pedro I. É um poema patriótico mas com objetivos bem claros. Pedir que a sua província não seja esquecida pelo poder público, que seja amparada. Versos nos moldes dos nossos primeiros cronistas, descrição

da abundância, das riquezas minerais, da terra que é fértil em terreno, doce em clima / abundante de matas, Rios, montes, / de searas e Vinhas, e de gados, / riquezas naturais que só precisam / de fomento e cuidado... Os versos, dedicados à Imperatriz, pedem-lhe que acolha a província, que a chame de sua, que a adote... Vemos, no engajamento de Maria Clemência, o interesse político de uma mulher.

Nasceu e morou em uma cidade relativamente desenvolvida, único porto de mar da província e próxima da ilustrada Pelotas. Maria Clemência demonstra inteligente e profunda visão de sua região. Aparece como conhecedora dos assuntos da indústria, do comércio, dos transportes e da lavoura.

A província de São Pedro do Rio Grande, com seus limites traçados recentemente, passa por momentos marcantes de sua história econômica com a definição de sua vocação para atividades pastoris e de economia pecuária. Longe da Corte, a província lutava por sua afirmação no contexto do novo país. Penso que Maria Clemência, para ter tido uma educação tão refinada, numa época em que o analfabetismo era a tônica no Rio Grande do Sul entre os homens - e o que pensar das mulheres? - pertencia seguramente a família de posses e, em seus versos, defendia seus interesses econômicos. Mas não se pode negar que sua poesia engajada lutava, à sua maneira, por um Rio Grande mais rico e mais respeitado pelo centro detentor do poder.

É notável ter uma mulher publicado, nessa época, numa província que não possuía, em 1823, senão três de seus filhos formados e quatro estudando fora do Brasil, em Coimbra, segundo informações do charqueador e estancieiro, o português Antonio José Gonçalves Chaves em Memórias Econômo-políticas, publicadas em 1823. Entre as causas apontadas pelo notável estancieiro está a falta de escolas. E acrescenta que, para as aulas de

primeiras letras que se mandavam criar nas Freguesias, não havia professores, porque os honorários eram muito baixos. Esse homem já registra, nesses remotos tempos, uma praga que nos acompanha até hoje: os baixos salários dos professores de primeiras letras!!

No Rio Grande do Sul, tendo surgido a imprensa em 1827, foi somente na época da Revolução Farroupilha que apareceu alguma produção poética nos jornais da época. Como o assinala Guilhermino César, esses versos tomados isoladamente, carecem de valor, mas em conjunto são significativos: assinalam a presença retardada do Arcadismo nas letras incipientes do extremo Sul. Como já foi assinalado por outros pesquisadores, deve ser notada a contradição entre uma geração revolucionária e os resultados estéticos que são contra-revolucionários, isto é, conservadores. Na poesia, o que domina é o arcadismo.

Guilhermino César⁵ diz que se processou em tão pouco tempo a evolução demonstrada pela floração de poetas nos anos 30, por um fator que ele chama de "fermentação oculta". E continua: "A sociedade riograndense, acostumada ao sofrimento oriundo da luta com os espanhóis e do clima ríspido e variável, adquiriu bem cedo, isolada como se achava no extremo Sul, a certeza de que não podia esperar grande coisa de seus irmãos do Norte. O isolamento enrijou-a, dando-lhe energia interior para superar deficiências e dificuldades."

Por essa poesia, Maria Clemência se inclui nas nossas mulheres com atividade política ou melhor que escreveram com conotação política, que puseram a pena a serviço da ideologia. O seu projeto seria o mesmo dos homens de sua época, ou seja, criar política, econômica e socialmente o Rio Grande do Sul. No vazio cultural da época, publicar um livro era um ato de heroísmo.

Outra surpreendente mulher da mesma época e raramente mencionada pelos estudiosos da poesia feminina é Maria Josefa da Fontoura Pereira Pinto, literariamente Maria Josefa Barreto. Nasceu em Viainão, província do Rio Grande do Sul, em 1775 e ali casou-se com Manuel Inácio Pereira Pinto, primeiro carcereiro da cadeia de Porto Alegre. Como carcereiro, o marido não valia muito. Tendo deixado escapar um preso, respondeu a processo sobre o caso. Condenado, desapareceu para sempre, deixando sua mulher livre para aventuras poéticas e jornalísticas!

Maria Josefa era poetisa e repentista bastante feliz, segundo Sacramento Blake. Segundo o mesmo autor, escreveu muitos *Elogios Dramáticos* e várias poesias mas que nunca foram publicados. Das poucas publicadas, Blake assinala a de título: *Aos 55 anos do Sr. D. João VI*, soneto⁶.

Foi uma feminista *avant la lettre*, tendo fundado um jornal, com o estranho título de *BELONA IRADA CONTRA OS SECTÁRIOS DE MOMO*. O jornal, como o nome o indica, era contra o carnaval. Mais tarde fundou outro junto com Manuel dos Passos Figueroa de nome *IDADE DE OURO*, "um dos jornais mais característicos de nossa imprensa", no dizer de Guilhermino Cesar, que o deve ter manuseado. Eu, embora o tenha procurado por todo o país, não tive tanta felicidade. Não o encontrei. Maria Josefa parece ter sido uma mulher bastante peculiar. Nesses anos da revolução farroupilha, Maria Josefa foi violentamente contra Bento Gonçalves. "Política e literatura, exasperação romântica e ideologia - eis a dieta gorda dessa mulher que foi também adversária dos Farrapos e contra eles manejou a pena"⁷.

Seu estilo de poetar prende-se ao Arcadismo e, em sua poesia, também se colocou, conservadoramente, ao serviço do Império, tal como Delfina Benigna da Cunha que, entre seus poemas, reservou um lugar importante para os poemas laudatórios ao Imperador, tendo com isso conquistado uma

pensão do governo. Das mulheres que estou tratando, parece ter sido a única a quem a poesia tenha rendido alguma coisa...

Ana Eurídice Eufrosina de Barandas⁸ nasceu em Porto Alegre, em 1806, e não se conhece, com exatidão, a data de sua morte mas viveu até mais de sessenta anos. Nascida em família de posses, recebeu uma boa educação. Foi uma mulher de idéias avançadas para a época. Bastante politizada, tomou partido na guerra farroupilha contra os revolucionários, explicando suas razões em textos publicados. Divorciou-se, em 1843, num divórcio diferente para a época, porquanto a guarda e sustento (com a doação de todos os bens por parte do marido!!) dos filhos do casal ficaram a cargo de Ana, por decisão do casal e aceito pelo juiz, passando ela desde então a ser extraordinariamente *cabeça do casal!!!*

De sua obra, conhece-se apenas o livro *O Ramallete ou flores escolhidas no jardim da imaginação*, editado em Porto Alegre, pela Tipografia Fonseca, em 1845⁹ e reeditado, em 1990. Neste único volume publicado, Ana Eurídice enfeixou vários textos em vários gêneros: poemas, conto, pequena novela e crônica dialogada.

A obra de Ana Eurídice Eufrosina de Barandas é pequena, como costuma ser a de suas contemporâneas do século XIX. Mesmo assim, é curiosa e criativa, trazendo idéias interessantes sobre a liberdade da mulher, o direito ao voto, o direito à palavra e mais ainda, o direito de pensar!

Como poetisa, encontram-se em seus versos reminiscências árcades. Porém, à simplicidade da linguagem e ao equilíbrio entre razão e coração, já transparecem notas românticas que se verificam na predominância de um eu lírico apaixonado.

É no texto intitulado *Diálogos*, escrito em 1836, onde encontramos a expressão do pensamento de Ana Eurídice sobre a situação da mulher,

defendendo a participação política das mulheres. Texto bem moderno para a época, pois as primeiras sufragistas só apareceram, no Brasil, bem mais tarde, na segunda metade do século XIX.

O texto apresenta um diálogo entre uma mulher, Mariana, e dois homens, o pai e o primo. Discutem a questão da participação da mulher na vida pública. Mariana defende com veemência idéias de maior liberdade para a mulher. Ana de Barandas expõe, nesse texto, suas idéias acerca da luta fratricida dos Farrapos. Para ela, as guerras, feitas pelos homens, aliciam o povo com balelas, como chamariz: "Foi o bem da Pátria que acendeu o primeiro facho da discórdia nesta Província? (...) quando esses Senhores pensaram fazer esta desgraçada revolução, seus corações não estavam cheios só desse louvável sentimento: aí entrou mais alguma coisa, ou interesse ou vingança." Inteligentemente, Ana percebeu que os reais móveis das lutas são alheios aos povos. Poder ou ânsia de riquezas as motivam. Os que fazem as guerras usam dos símbolos e das palavras como *Pátria* ou *Liberdade* para convencer aos ignorantes.

Neste interessantíssimo texto, a escritora, no diálogo com o pai e o primo, advoga o direito de as mulheres poderem ter opiniões e expressá-las.

Guilhermino César¹⁰, estudando a literatura da época da insurreição farroupilha, pergunta-se se os nomes arrolados fizeram arte literária, concluindo que eles "foram, antes, testemunhas de um estado de inquietação literária coincidente com o de ordem política". A imprensa nascente excitava o partidarismo, dividindo as opiniões. Assim, este testemunho político está bem presente na obra de Ana Eurídice de Barandas, que tomou partido contra os rebeldes, a favor da ordem e da paz, tal como Delfina Benigna da Cunha.

Segundo Pedro Maia Soares¹¹, o texto de Ana Barandas "surpreende

pela contemporaneidade. Defender de alguma forma a participação política da mulher de forma radical, sem adjetivos, a igualdade entre os sexos, aproveitando ainda para denunciar a opressão masculina como causadora dos “defeitos” da mulher, era estar em dia com o feminismo mundial”.

Tomei, para o estudo das mulheres gaúchas do século XIX, os quatro exemplos relatados. Quatro mulheres que usaram da pena para a luta política. Algumas, como Maria Clemência, apenas para pedir que o poder monárquico olhasse com mais carinho para a província sulista, ou como Delfina Benigna que escreve interessadamente para solicitar amparo para si mesma; outras, como Maria Josefa, que luta contra os revolucionários de Bento Gonçalves e Ana Eurídice E. de Barandas, que escreve para discutir direitos da mulher. Sem fazer política, como Maria Josefa, é quem luta de maneira mais profunda pela liberdade da mulher, embora tenha posições políticas conservadoras.

Depois de todo esse relato, quero chegar a algumas conclusões, talvez provisórias, dependendo de outras leituras a serem descobertas nos antiquários ou dependendo do conserto da famosa máquina para reprodução de microfimes da Biblioteca Nacional, que está quase sempre, quebrada!!!

Em primeiro lugar, gostaria de dizer que o redigir esse trabalho, para mim, foi um momento de rever posições acerca da mulher brasileira, no século XIX. A famosa educação patriarcal para o lar, a repressão dos pais e maridos, no século XIX, em relação à mulher, aquela imagem cristalizada pelo cinema e pela literatura das sinhazinhas a se embalarem indolentes nas redes, atendidas pelas mucamas, a reclusão da mulher brasileira, atestada por tantos viajantes, não se apresenta da mesma forma nas várias regiões. Pelo menos, nos Estados do sul do país - Rio Grande do Sul e Santa Catarina - registram-se diferenças, algumas marcantes entre nordeste/centro-sul. Já as assinalamos¹² nos relatos de viajantes estrangeiros que compararam, como

Saint-Hilaire, a atitude das mulheres do centro e do sul do país.

Tais comportamentos atestam atitudes diferentes dos homens no trato de suas mulheres. Isso pode ser lido nas cartas de uma combatente farroupilha.

Li as que Antonio Vicente da Fontoura¹³ escreveu diariamente a sua mulher Clarinda, de 1844 a 1845. São cartas para alguém a quem se respeita, ama e, sobretudo, considera como sua *igual*. É essa igualdade o mais importante, na minha opinião. Fontoura valoriza a opinião de Clarinda, confiando-lhe seus problemas e relatando-lhe minuciosamente seus dias de campanha. Tendo sido um dos homens mais importantes na república farroupilha, foi também o responsável pela assinatura da paz honrosa, no Rio, em 1845, que pôs fim à Guerra dos Farrapos. Nas cartas a Clarinda, ficase conhecendo muito bem aos principais chefes farroupilhas por detalhes.

Outro documento da maior relevância é composto das cartas de uma mulher, Bernardina de Almeida, a seu marido Domingos José de Almeida, um dos principais chefes farrapos, ministro da República farroupilha. São cartas de muito amor de uma mulher que, na ausência do marido, tomou as rédeas de todos os negócios. E são também cartas de cunho político. Bernardina dá muitas informações de interesse político e, o que me pareceu mais interessante, transmite-lhe as suas opiniões acerca dos chefes farrapos, criticando-os ferozmente. Por exemplo, as frases que transcrevo dão uma idéia do estilo epistolar de quem sabia-se com o direito de opinar.

Meu querido marido do coração: Recebi a tua carta de 14 que bastante satisfação tive que não te posso privar do grande contentamento que tive do Fontoura ir abaixo e toda a pandilha dele pois, meu marido, eu andava muito agoniada pelos negócios da Assembléia ir tomando um aspecto ruim, segundo corria por

aqui, por teu respeito, conhecendo eu que aquele cachorrão era teu inimigo e do compadre Bento; vê tu como não andaria eu; assim mesmo te recomendo que tenhas toda a cautela com a tua pessoa, pois toda a cautela é pouca...

As guerras e revoluções têm trazido um abrandamento nas diferenças entre os sexos e uma maior liberação das mulheres. Assim, olhando-se as autoras francesas, vemos que também lá, durante a Revolução, houve tempos de relativa liberdade para a mulher. Tanto em 1789, quanto em 1848 ou no episódio da Comuna, em 1871, as mulheres participaram da luta. No Rio Grande do Sul, da mesma forma, guardando-se as devidas proporções, durante a Revolução Farroupilha, nos dois lados, imperial ou farrapo, as mulheres se distenderam, assumindo papéis tradicionalmente masculinos seja na direção das estâncias e dos negócios, na espionagem para os farrapos, ou nas letras. E, dessa forma, teve início a literatura gaúcha, em terra de muito macho, que já nasce engajada na luta pela liberdade, pela mão e pela pena das mulheres.

* Trabalho apresentado em mesa-redonda no VI Seminário *Mulher e Literatura*, UFRJ, setembro 1995, publicado nos Anais editados pela Profa. Dra. Elódia Xavier.

Notas

1. V. seu excelente estudo *Vozes femininas da poesia brasileira*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura/Comissão de Literatura, 1959. p.14.
2. V. Ignez Sabino. *Mulheres Illustres do Brazil*, 1899. p.89.

3. V. Helga Piccolo. *Vida política no século 19*, Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1991. p.11.
4. V. Fidelis Dalcin Barbosa. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brndes, 1983. p.76.
5. Op.cit., p.69.
6. Publicado no *Almanak* do Dr. Cesar Marques, de 1867, p.41. O Prof. Guilhermino Cesar fala de poema sobre D. João VI, como tendo sido publicado na revista *Guanabara*. Penso que deve ser o mesmo.
7. Guilhermino Cesar. Mulheres, o assunto. Porto Alegre: CORREIO DO POVO, *Caderno de Sábado*, 24.03.1973.
8. Os dados do presente estudo são baseados no excelente estudo introdutório de Hilda Agnes Hübner Flores à segunda edição de *O Ramalhete ou Flores escolhidas no jardim da imaginação*. A. Eurydice Eufrosina de Barandas foi, segundo a ensaísta, o nome literário adotado pela escritora.
9. Há dois exemplares desta edição: um, na Biblioteca de Rio Grande, tendo mutiladas suas dez primeiras páginas e outro, na Biblioteca Nacional.
10. In: *História da Literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902)*, 2.ed. Porto Alegre: Editora Globo, Coleção Província, 1971. p.89.
11. Pedro Maia Soares *Feminismo no Rio Grande do Sul: primeiros apontamentos* (1835-1945). In: Maria Cristina A. Bruschini e Fúlvia Rosemberg (Orgs.). *Vivência - História, sexualidade e imagens femininas*. São Paulo: Editora Brasiliense/Fundação Carlos Chagas, 1980. p.121-150.
12. Zahidé L. Muzart. Narrativa feminina em Santa Catarina (do século XIX até meados do século XX). In *Organon*, n.16, Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1986. p.227-235.
13. V. Antonio Vicente da Fontoura. *Diário*, Porto Alegre: EDUCS/Sulina/Martins, 1984.